

*André Carlos Werle*



## Religião e Etnia na Formação da Colônia Porto Novo (Extremo Oeste Catarinense)

André Carlos Werle\*

### Resumo

A idéia de religião e etnia constituiu-se o marco divisor entre os colonos aptos e os não aptos a comprar terras da colônia Porto Novo, de modo que seus organizadores, os jesuítas alemães de São Leopoldo, RS, pretendiam formar uma comunidade étnica e religiosamente homogênea: católica e alemã. Partindo disso, analisa-se, neste artigo, o significado da idéia de homogeneidade étnica e religiosa presente na formação desta colônia.

**Palavras-Chaves:** Religião – Etnia – Colonização

### Abstract

The ideas of religion and ethnic background marked a division between the colonists that were and were not entitled to buy lands in the Porto Novo colony. The access to a colonial parcel was restricted to the Catholic German descendents. It demonstrates the intention of the colony organizers, the German jesuits from São Leopoldo RS, to form an ethnic and religious homogeneous community. This article analyses the meaning of ethnic and religious homogeneity present in this colony formation

**Keywords:** Religion – Ethnic – Colonization

O extremo oeste catarinense, a partir da década de vinte, foi palco da atuação de inúmeras Empresas Colonizadoras que fundavam as denominadas “novas colônias”<sup>1</sup> com descendentes de imigrantes europeus provenientes das regiões de colonização mais antigas. Entre os inúmeros e diferentes novos empreendimentos coloniais destaca-se Porto Novo<sup>2</sup>, uma colonização promovida não por uma empresa colonizatória privada e sim planejada e

\* Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientador: prof. Dr. Valberto Dirksen.

<sup>1</sup> O termo “novas colônias” era utilizado pelos antigos colonos para designar as colônias de descendentes de imigrantes europeus instaladas na região oeste catarinense no início do século 20, contrapondo-se à designação de “antigas colônias”, que se refere às regiões nas quais os imigrantes europeus se instalaram no século XIX.

organizada por uma associação com forte caráter religioso, a *Volksverein für die deutschen Katholiken im Rio Grande do Sul*. Trata-se da Sociedade União Popular para Alemães Católicos no Rio Grande do Sul, fundada em 1912 e idealizada pelos jesuítas alemães de São Leopoldo, R.S. Esta particularidade, se analisada mais detalhadamente, indica que a formação da colônia envolve um conjunto de significados que ultrapassa a simples venda de terras, cuja compreensão requer a análise da atuação da *Volksverein* (como era chamada a Sociedade União Popular entre os colonos), bem como os pensamentos sociais e os objetivos dos religiosos que a orientavam.

Neste sentido, um primeiro aspecto que deve ser levado em consideração diz respeito ao caráter institucional da Associação, ou seja, o que era, quais seus objetivos e suas ações. Para isso, pode-se partir de uma definição esboçada no texto de Franz Metzler, que introduzia a brochura comemorativa (*Festschrift*) do XVI *Katholikentage* (Congresso Católico), realizado em Porto Novo, em 1934.

“A *Volksverein* é a associação dos católicos de fala alemã do Rio Grande do Sul, dos quais assume os interesses materiais e espirituais-culturais. A associação está legalmente constituída, sendo portadora dos direitos de pessoa jurídica. Trabalhos, objetivos, recursos bem como a administração estão previstos em estatutos. (...) No ‘*Skt. Paulusblatt*’, o periódico redigido e publicado mensalmente pela Associação, são oferecidas aos associados muitas e importantes matérias de leitura como lições de economia rural, orientações espirituais e educação cívica. A *Volksverein* deve e pode assumir a representação dos anseios dos católicos de fala alemã, mesmo daqueles que ainda não se associaram, pois os frutos de seu trabalho vêm para o bem de todos os associados e não associados. Por isso, espera que também aqueles que até o momento não se associaram entrem em suas fileiras<sup>3</sup>.”

A *Volksverein* apresentava-se como uma associação de alemães católicos e seus descendentes, que tinha como objetivos “assumir os interesses materiais,

<sup>2</sup> Atualmente, nas terras que outrora formavam a colônia Porto Novo, localizam-se os municípios de Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste. O nome Porto Novo foi modificado, em 1929, pelo então governador Adolpho Konder, passando a ser chamado de Itapiranga, que, em 1954, se emancipou do município de Chapecó e passou a formar um município que, com o passar dos anos, teve dois distritos: Tunas e São João. Estes se emanciparam recentemente formando os municípios de Tunápolis e São João do Oeste.

<sup>3</sup> MIDDELDORF, Karl., *Porto Novo Brasilien Siedlung für Deutschsprechende katholiken am Uruguayfluß im Staate Santa Catarina in Brasilien*. Porto Alegre: Tipografia do Centro, [1932], p.46.

espirituais e culturais” dos associados. Suas atividades eram diversas: publicação de periódicos (jornais e almanaques); fundação de hospitais e asilos, escolas e seminários; realização dos *Katholikentage* (Congressos Católicos), cujos temas estavam relacionados com a situação e problemas econômicos, sociais, espirituais e culturais dos colonos; a organização do *Sparkass* (O Sistema de Crédito “Caixa Rural União Popular”), além de outras atividades, dentre as quais, como já se mencionou, a formação de um núcleo colonial: Porto Novo.

Os planos de desenvolvimento de um núcleo colonial germinaram nas primeiras décadas do século XX, época em que as antigas colônias de imigrantes europeus no Rio Grande do Sul, que haviam sido fundadas a partir 1824, começavam a enfrentar uma situação que, para os primeiros imigrantes, podia ter parecido improvável. Fruto, talvez, dos avanços de uma civilização pautada no trabalho e que procurava exaustivamente o progresso. Com o acentuado crescimento demográfico e a vinda de novos imigrantes, somado ao esgotamento do solo, as terras das colônias sul brasileiras, outrora férteis e abundantes, começavam a perder o seu vigor e a ser menos acessíveis. Isto acabava por incentivar os descendentes de imigrantes a saírem em busca de novas regiões de colonização. Neste sentido, as florestas do oeste catarinense, especialmente às margens do rio Uruguai, lhes pareciam ser uma “região promissora”.

Parte desta assim apresentada “região promissora” foi adquirida pela *Volksverein* que, para atender aos anseios e interesses dos descendentes de imigrantes, comprou, em 1926, uma grande área de terras da Empresa Colonizadora Xapecó Peperly LTDA. Essa área foi dividida em lotes de aproximadamente 25 hectares, os quais foram revendidos aos colonos. Entretanto, a venda de lotes devia se restringir somente aos imigrantes alemães e a seus descendentes de confissão católica. O acesso à compra de lotes por parte de colonos que não falassem alemão, e que não fossem da religião católica, era dificultado. Com esta triagem formou-se a colônia Porto Novo, planejada para ser étnica e religiosamente homogênea.

Mas as atividades orientadas pelos jesuítas não se restringiram somente à venda de lotes coloniais, abrangendo também o incentivo e organização de escolas, seminários e hospitais, além de inúmeras associações direcionadas à vida social e cooperativas que visavam o desenvolvimento econômico. Com isso, pretendiam “assumir os interesses materiais, espirituais e culturais” dos associados. É o que se pode pensar a partir da seguinte citação que, de certa forma, sintetiza o sentido da formação da colônia Porto Novo.

“A colonização de Porto Novo não é um empreendimento comercial. Não visa a especulação financeira e segue unicamente o programa de colonização. A *Volkverein* persegue objetivos colonizatórios, econômicos e culturais. A serviço da religião e da boa identidade do povo, visa colonizar as terras com agricultores católicos de fala alemã<sup>4</sup>.”

As referências à “boa identidade do povo”, ao *Volkstum* e à religiosidade católica se faziam freqüentemente presentes nos discursos e nas práticas da *Volkverein*. A importância de se preservar a língua materna dos colonos, a necessidade de seus filhos freqüentarem a escola para não perderem sua religiosidade e “regredir a superstição”<sup>5</sup>, a importância de participar das associações sociais como forma de manter “o espírito comunitário”<sup>6</sup>, e o cooperativismo como fórmula de desenvolvimento econômico, eram os principais pensamentos sociais que norteavam as práticas dos jesuítas e, por extensão, da *Volkverein*. Visava-se, com isso, alcançar um determinado estilo de vida social no qual as idéias de etnia e religião eram quase que inseparáveis e ocupavam um lugar fundamental. A etnia era a alemã e a religiosidade, a estabelecida nos moldes do concílio de Trento, um catolicismo romanizado e racionalizado. Isto permite pensar que as práticas dos agentes religiosos, bem como as representações acerca do mundo social mobilizadas em seus discursos, visam atender um grupo social específico, cuja fronteira baseava-se num princípio étnico.

Entretanto, as atividades dos jesuítas, ao se voltarem somente a um grupo social, parecem paradoxais se forem analisadas tendo em mente os princípios universalistas da Igreja católica. Se analisada como um todo, não se percebem, na Igreja, preocupações com grupos específicos, pois sua mensagem religiosa visa abranger a totalidade da sociedade e não grupos sociais ou étnicos específicos. Levando isto em consideração, o problema que se apresenta, portanto, é como compreender a atuação dos jesuítas e a formação da colônia Porto Novo, que visava atender aos interesses de um grupo em particular, os imigrantes alemães e seus descendentes?

Um problema não muito diferente também foi percebido em outras regiões e analisado por alguns pesquisadores. Suas conclusões geralmente estão em sintonia com o que foi exposto acima, isto é, que religiosos católicos

<sup>4</sup> MIDDELDORF, Op. Cit. p.07.

<sup>5</sup> POCHMANN, Julius Falches Sparen na der Schule. In. Metzler, *Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934*. Porto Alegre: Tipografia do Centro. P. 128 e 129.

<sup>6</sup> MIDDELDORF, Karl. Op. Cit. p. 13.

não teriam preocupações em preservar a etnicidade de grupos particulares. Não obstante, tais pesquisas também fornecem pistas para se pensar o problema. É o caso da pesquisa de Giralda Seyferth, no seu estudo acerca da identidade étnica e o nacionalismo no Vale do Rio Itajaí.

“Sob todos os aspectos, prevaleceu na comunidade católica o ideal religioso, mas de modo algum se pode afirmar que o *Deutschtum* fosse ignorado por ela. Manter *fé e religiosidade* (nessa ordem) também foi a norma dos teuto-brasileiros católicos, e a língua alemã era considerada o principal veículo dessa manutenção. (...) A assimilação era considerada uma ameaça à devoção do teuto-brasileiro, “porque entre os luso-brasileiros a freqüência à igreja se limita às mulheres; os homens não vão à missa, problema que não existe entre os teutos, especialmente os badenses”.

O *Deutschtum* (Germanismo), então, passa a ser um meio de preservar a religiosidade e a piedade dos colonos teuto-brasileiros. Não tem a conotação puramente germanista, mas se refere, aqui, às qualidades e índole alemãs e à língua materna alemã. Mesmo prevalecendo o interesse religioso, é dada alguma importância à consciência étnica. No caso dos evangélicos, as duas coisas se equivalem.<sup>7</sup>“

Seyferth sugere que a religiosidade era a prioridade entre os católicos, ou seja, a “fé” antes da “nacionalidade” e, assim, as preocupações com as características culturais de um grupo étnico em particular são concebidas não como um fim em si mesmo, mas como um meio para se alcançar um ideal de religiosidade. Neste caso, a autora procura vincular o ideal de religiosidade a determinados hábitos religiosos da população descendente de alemães como, por exemplo, a freqüência em ir à missa.

A concepção de um ideal religioso se faz presente também em outro estudo, bem mais antigo. Emílio Willems, escrevendo nos anos 40 acerca da assimilação da população descendente de imigrantes alemães, também enfatizava que alguns sacerdotes apresentavam uma atitude negativa perante a “assimilação” dos imigrantes e seus descendentes

“Vemos mais de um vez que a atitude negativa de alguns sacerdotes alemães (naturalmente não de todos), em relação à

<sup>7</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981, p. 146.

assimilação dos colonos, é determinada pelo ideal religioso, e não pela vontade de conservar ou difundir determinadas idéias étnicas ou nacionais.<sup>8</sup>”

Desta forma, enfatiza-se que a preocupação, por parte de sacerdotes católicos, em manter a etnicidade de um grupo é orientada por um ideal de religiosidade. Partindo disso, pode-se pensar que as atividades dos jesuítas e a formação da colônia Porto Novo também envolvia um ideal religioso, mas, neste caso, amparado por determinadas concepções acerca de como deveria ser sua vida em sociedade. Este pensamento é reforçado na medida em que se entra em contato com alguns textos veiculados pela *Volksverein* em seus meios de comunicação

“A *Volksverein* não podia contemplar passivamente como os camponeses alemães riograndenses eram induzidos, através da propaganda de empresas privadas, a se instalar em colônias com diferentes nacionalidades e religiões. O espírito de intolerância em relação à nacionalidade e religião não está presente em seu modo de pensar e sua atitude foi competente. Somente foi decisiva a preocupação em relação ao bem-estar espiritual e cultural do colono emigrado. Comunidades paroquiais, escolas, fundamentos cooperativos, mesmo a instituição de associações recreativas são possíveis somente dentro de povos e religiões uniformes e são benéficas para a sociedade. E se também um colono viver em meio a vizinhanças estranhas, totalmente ou em parte, poderá obter do mesmo modo boas colheitas. Isto significa sufocar no materialismo, se a gente quiser obter somente boas colheitas e acabar nisso. Um tal materialismo teria efeito devastador diretamente sobre a descendência. As colônias, nas quais há mistura de credo e de povos, são o maior perigo para a religião e cultura vindoura, especialmente para a descendência em crescimento. Esta foi, provavelmente, a maior preocupação da *Volksverein* na formação da colônia.<sup>9</sup>”

O texto, escrito por Franz Metzler, já citado anteriormente, enfatiza que a vida comunitária não está relacionada somente com a esfera material, pois

<sup>8</sup> WILLEMS, Op. Cit. p. 250.

<sup>9</sup> ROHDE, Maria W. Op. Cit. p. 20.

“o colono que viver em meio a vizinhanças estranhas pode obter boas colheitas”, mas isso significa “sufocar no materialismo”. Para evitar este materialismo, a solução apontada pelo orador é promover sociedades homogêneas, nas quais não há mistura de nacionalidades nem de religiões. Somente nestas sociedades é que seria possível a vida comunitária e harmônica. “É válido o princípio orgânico: o descendente alemão com o alemão, o católico com o católico. Somente assim pode-se formar e permanecer com êxito o que é o mais indispensável para a prosperidade: o modo de pensar comunitário”<sup>10</sup>. Neste caso, a homogeneidade étnica e religiosa é parte essencial dos pensamentos sociais norteadores das atividades da *Volksverein* e a preocupação era evitar a mistura de nacionalidades e de religiões para estabelecer um “modo de pensar comunitário” e, com isso, preservar a “cultura vindoura”.

A importância da homogeneidade aparece de forma mais explícita em outro discurso pronunciado no mesmo Congresso. Na palestra intitulada “Fontes de perigo para o corpo e para a alma”, o palestrante, Padre Polykarp Schuhen, expôs o que ele considera o maior perigo:

“Eu nomeio como primeira e principal fonte de perigo para a perda da fé, seu enfraquecimento e a negligência religiosa: as colônias ou colonizações mistas do nosso Brasil tão belo e cordial..

Quando eu digo colônias mistas, me refiro em primeiro lugar às colônias com mistura de confissões, mas também com mistura de nacionalidades.<sup>11</sup>”

De acordo com o orador, as colônias mistas traziam muitos problemas à religiosidade do colono. No que se refere à mistura de confissões, o principal perigo eram os casamentos.

“Se numa colônia estiverem vários credos, não deixarão de acontecer casamentos mistos, que são tão veementemente condenados pela mais sabia instrutora dos povos, a igreja católica. Conforme mostra a experiência, na maioria das vezes diminui o número de católicos. Eles se tornam infiéis e enfraquecem em sua fé e poucas vezes ou nunca praticam a

<sup>10</sup> MIDDELDORF, Op. Cit., p.13.

<sup>11</sup> SCHUHEN, Polykarp. Gefahrenquellen für Leib und Seele. In. METZLER, Franz. **Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, p. 116.

fé católica. É impossível manter as crianças, mesmo sendo batizadas na igreja católica, numa verdadeira educação católica. Também, nestas colônias não podem ser fundadas escolas com orientação religiosa. Desta forma, as crianças crescem sem instrução religiosa e, mesmo vivendo em paz e harmonia religiosa, é muito fácil se estabelecer a perigosa indiferença religiosa. É certo que ‘todos cremos num único Deus’, mas assim o pensar e sentir católico enfraquece cada vez mais.<sup>12</sup>”

Já no que se refere à mistura de nacionalidades, o perigo principal residia na ausência do “espírito comunitário”, ocasionado pelo não conhecimento da língua. O convívio, por exemplo, de descendentes de alemães com italianos numa mesma comunidade dificultaria a comunicação entre eles, o que tornaria quase impossível o “espírito comunitário”. Também o serviço religioso sairia prejudicado, pois não poderia ser celebrado na língua conhecida pelos colonos. A celebração em Português também mostrava-se problemática, pois muitos não conheciam a língua nacional. A melhor solução seria, portanto, a formação de colônias homogêneas.

“Também as colônias com mistura de nacionalidades são, em menor grau, um perigo para a religião. Não por ser a língua ou a nacionalidade em si um perigo, pois um católico é católico em todos os lugares, abrange todos os povos e todas as nações, ou como se diz hoje em dia, é internacional. Mas nas colônias de nacionalidade mista falta geralmente o espírito comunitário, o serviço religioso coletivo, que especialmente neste grande e abençoado Brasil é o apoio da fé. Se viajarmos pela região de colonização se percebe que nos lugares em que é praticado o serviço religioso coletivo, onde há a participação de todos, é que se mantém a fé. Nas colônias, especialmente nas novas colônias, em que se encontram muitos colonos que ainda não conhecem a língua deste hospitaleiro Brasil, o serviço religioso não deve ser celebrado na língua nacional. Estes, dos quais se encontra muitos, ficam bem distantes com a desculpa: eu não entendo nada!’. Aqueles que ficam distantes do serviço religioso, enfraquecem e se tornam negligentes e incrédulos.<sup>13</sup>”

<sup>12</sup> SCHUHEN, Polykarp. Op. Cit. p. 116 e 117.

<sup>13</sup> SCHUHEN, Polykarp. Op. Cit. p. 117.

A ausência do espírito comunitário, “o qual somente pode se estabelecer em colônias homogêneas”, é considerado uma ameaça à fé. Este princípio é válido, de acordo com o palestrante, não somente para as colônias de descendentes alemães, mas também para as de descendência polonesa, italiana, russa e assim por diante. Assim, “depois de alguns anos têm-se verdadeiras escolas e colônias alemãs-brasileiras ou ítalo-brasileiras”<sup>14</sup>. Pode-se notar que a idéia era preservar as características dos grupos étnicos, sejam descendentes de alemães, de italianos ou poloneses, com o objetivo de evitar que os fiéis “regredissem à superstição”, isto é, manter sua religiosidade.

“Regredir à superstição” estava intimamente associado ao catolicismo tradicional e festivo luso brasileiro, que deveria ser evitado ou substituído por algo mais “sério e rígido”. É o que se explica na palestra de Maria Rohde, intitulada “Um voto de lealdade à maneira de ser de nossos antepassados”, proferida no referido Congresso Católico de Porto Novo, de 1934.

“Ancorados firmemente em nossa bela pátria brasileira, lembramos orgulhosos nossa descendência alemã e nos reconhecemos fiéis à nossa religião católica e a nossa maneira de ser alemã. O que nossos pais celebraram antigamente, isso nós também ainda hoje celebramos. O que fazia seu orgulho, também faz hoje o nosso e como eles trabalhavam, assim também nós hoje o fizemos. Fidelidade e honestidade, este era seu lema e também deve ser o nosso.

O que eles celebraram?

Páscoa, festa do Espírito Santo, Natal! Onde estas festas da igreja eram celebradas mais seria e elevadamente a não ser nas terras alemãs? Não na colorida e comemorativa florescência, em alegrias jubilares como as da terra do sol, onde o propício sul deixou brotar uma vida fácil aos homens. Mas sim séria e rígida como o clima alemão, como toda a vida alemã, também as festas religiosas e mundanas são comemoradas a maneira alemã. A luta pela existência nas terras alemãs sempre foi difícil, pois o espaço se reduzia e a situação exigia toda força das pessoas. Esta luta, este permanente conflito, forjou esta gente, a comprovou perante o amolecimento.<sup>15</sup>”

<sup>14</sup> SCHUHEN, Polykarp, Op. Cit. p 118.

<sup>15</sup> ROHDE, Maria Treugelöbnis zu der Vorväter Art. In METZLER, Franz. Op. Cit, p. 142 e 143.

Manter-se fiel à maneira de ser alemã, com seu modo de celebrar a missa, assim como festas mundanas e religiosas, parece ter sido o sentido da homogeneidade étnica e religiosa. Ela se revestia de significados religiosos, isto é, um ideal de religiosidade. Por isso, é importante analisar quais eram os objetivos dos jesuítas com a formação da colônia Porto Novo, o que requer uma análise da atuação destes religiosos e do contexto em que estão envolvidos. Para isso, talvez seja proveitoso levar em consideração algumas idéias e conceitos desenvolvidas por Pierre Bourdieu, especialmente sua interpretação das teorias weberianas referentes aos estudos de religião. Elas podem auxiliar numa melhor compreensão da relação ente agentes religiosos e a sociedade.

Partindo dos “tipos ideais” de Weber<sup>16</sup> acerca dos agentes religiosos (o sacerdote, o mago e o profeta) e dos leigos, Bourdieu propõe um “interacionalismo simbólico” entre os diferentes agentes que compõem o campo religioso e desenvolve o conceito de trabalho religioso.

“(...) trabalho religioso realizado pelos agentes e porta vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder através de um tipo determinado de prática ou de discursos a uma categoria particular de necessidade próprias a grupos sociais determinados.<sup>17</sup>”

Confere-se, com isso, uma certa dinâmica à atuação dos agentes religiosos, auxiliando na compreensão da maneira pela qual eles interpretam diversos problemas e situações históricas com um “tipo determinado de prática ou de discursos”, visando, por um lado, a satisfação dos interesses religiosos dos diferentes grupos determinados de leigos. Por outro lado, visa também a satisfação dos próprios interesses dos agentes religiosos, ou seja, o “monopólio da gestão legítima dos bens de salvação”. Isto acaba por promover o surgimento de novas representações e linguagens religiosas.

Permite-se, com isso, uma concepção bastante ampla e flexível da atuação de agentes religiosos, que abre espaço para compreensão de diferentes grupos que compõem o campo religioso. Também auxilia na análise da atuação dos jesuítas alemães. Assim, eles aparecem como os porta-vozes dos interesses de um grupo social específico, “com um tipo determinado de prática ou de

<sup>16</sup> WEBER, Max. *Economia y Sociedad. Esbozo de sociología comprensiva*. Edición preparada por Johannes Winkelmann, [Trad. José Medina Echavarría, Juan Roura Parella, et al]. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 356.

<sup>17</sup> BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas simbólicas*. 3ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 1992.

discursos a uma categoria particular de necessidade próprias a grupos sociais determinados”. Neste caso, as necessidades ultrapassam a esfera propriamente religiosa, como as definiu Bourdieu: “de compensação ou de legitimação da ordem social”<sup>18</sup>, e se direcionam aos problemas materiais, mais próximos da realidade do grupo social. Por outro lado, visam atender aos interesses do próprio grupo de agentes religiosos em manter os fiéis na fé católica, ou caso se prefira a terminologia de Bourdieu, manter o “monopólio da gestão legítima dos bens de salvação”.

A compreensão desta idéia confere uma importância especial ao contexto no qual está inserida a atuação dos jesuítas: um tempo em que “houve bastantes ameaças de mudança política, religiosa e econômica”.<sup>19</sup> Segundo Lúcio Kreutz<sup>20</sup>, a atuação dos religiosos da Companhia de Jesus visava revitalizar a religião católica, constituindo-se numa reação contra as influências “nefastas” da Revolução Francesa com sua promoção do liberalismo, o grande inimigo da religião católica. Também Maria W. Rohde, uma das pioneiras da colônia Porto Novo, identifica-os:

“Com a nova direção da *Volksverein* assumida pelo padre Rick, o secretário de viagem, o lema passou a ser: ‘nós precisamos aprender com nossos inimigos’. Como os círculos liberais combateram a Igreja Católica criando sua associação popular, da mesma forma nós precisamos, para defender a Igreja Católica, efetivamente criar a nossa *Volksverein* Católica.”<sup>21</sup>

Já o Pe. Ambros Schupp SJ, expôs mais explicitamente o que estava acontecendo:

“Assim como uma colossal inundação, o ateísmo e a imoralidade varrem a face da terra, arrastam consigo o individual e o isolado, penetram na família, nas associações, nas escolas, nas fábricas e quartéis, e em toda parte realizam uma devastadora

<sup>18</sup> Idem, p. 87.

<sup>19</sup> LUTTERBECK, SJ. Pe Jorge Alfredo. *Jesuítas no Sul do Brasil. Capítulos de História da Missão e Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, Publicações avulsas, nº 3, 1977, p.119.

<sup>20</sup> KREUTZ, Lúcio. *O Professor Paroquial, Magistério e Imigração Alemã*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS; Florianópolis: EDUFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

<sup>21</sup> ROHDE, Maria F. *Wie eine frau eine Urwaldsiedlung wachsen sah*. Beitrag zur 25-jährigen Geschichte der Volksvereinskolonie Porto Novo. Porto Alegre: Tipografia do Centro. p. 18.

destruição. Opor-lhes um dique é um dever na cura das almas, e isto só poderá ocorrer através de uma ordenada organização, isto é, através da associação de elementos semelhantes e de sua arregimentação em associações. Só assim se pode pôr termo à destruição. Individualmente a pessoa raramente tem forças para resistir ao apelo da tentação e à pressão social. Ela cai.

Somente em união com as pessoas de concepções iguais é que alguém tem uma certa garantia para permanecer fiel e resistir vitoriosamente aos engodos de um e de outro lado. Mas a união deve ser bem organizada. Numa boa organização reside a vida e a capacidade de resistência do organismo.<sup>22</sup>

Para preservar os fiéis do ateísmo e da imoralidade, segundo o Pe. Ambros Schupp SJ, seria necessário organizar associações de pessoas de semelhantes concepções. Caberia aos jesuítas o dever de promover esta organização. Mas não seria qualquer organização, ela precisaria ser bem fundamentada, e esta boa fundamentação caberia a eles, Inacianos. Esta atuação se assemelha, de acordo com as palavras de Kreutz, com o “estilo de cristandade medieval: toda estrutura econômica e social sob a primazia do espiritual”<sup>23</sup>. Isto também pode ser interpretado, levando em consideração seu contexto, como uma forma de legitimar a atuação dos jesuítas, dando-lhe um sentido de combate aos inimigos - o ateísmo, a imoralidade e a indiferença religiosa - concebendo-a como um dever na “cura das almas”. E este combate dever-se-ia basear na “união das pessoas de iguais concepções”.

Assim, pode-se formar uma idéia acerca do significado da formação da colônia Porto Novo. Seu objetivo era direcionar a colonização a uma determinada região, o Oeste catarinense, onde havia terras férteis, cobertas por densa floresta e, o que era importante, afastadas dos “males” que na modernidade atacam de todos os lados a religiosidade do fiel, principalmente, nos termos do Padre Ambros Schupp, SJ, o “ateísmo e a imoralidade”. Neste sentido, a fundação de comunidades paroquiais, escolas, cooperativas e associações recreativas seria uma forma de preservar a religiosidade do descendente alemão. Mostra-se, assim, o caráter utópico desta colonização: formar uma comunidade “pura”, um “reino” fechado às influências malélicas, talvez tendo ainda na memória a “antiga herança Jesuítica das reduções dos

<sup>22</sup> SCHUPP, Ambros, Die Deutsche Jesuiten-Mission in Rio Grande do Sul. Wiederherstellung und herausgabe von Pater Arthur Rabuske, S.J. São Leopoldo: UNISINOS, 1974 (Separata do SKT Paulusblatt) apud. KREUTZ, Lúcio, Op. Cit. p. 69.

<sup>23</sup> KREUTZ, Op. Cit. p. 69

Sete Povos ou da região missioneira”<sup>24</sup>, onde “florescessem as virtudes cívicas e religiosas”, tendo como fundamento a homogeneidade étnica e religiosa.

<sup>24</sup> RABUSKE, Arthur. Eles se empenharam pelo erguimento do bem-estar material da colônia Alemã do Rio Grande do Sul. In: **Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Comissão Organizadora do Simpósio, 1974, p. 37.